

# Os Futuros da Educação: aprendendo a solidarizar-se

O Dossier que ora se publica e que a *Revista Lusófona de Educação* apresenta à comunidade de pesquisadores e estudiosos reveste-se de uma especial singularidade e oportunidade. Por um lado, situa-se na perspectiva do Relatório da Unesco *Os futuros da educação: aprender a tornar-se*, que está em fase final de elaboração e, por outro, insere-se nas reflexões em curso sobre como pensar e imaginar a educação diante dos complexos e inéditos desafios derivados da presença de um vírus invisível que continua a ceifar vidas em todos os continentes e que está longe de encerrar sua virulência. Os efeitos dessa pandemia são inúmeros e múltiplos. Não é ainda possível mapear a extensão a curto, médio ou longo prazo. O que se pode preliminarmente observar, face ao cenário de contradições e paradoxos que se instaurou em escala mundial, é a notória evidência da essencialidade da educação, que não se esgota no retorno às aulas ou nos planos de recuperação das aprendizagens subtraídas por diversas medidas de confinamento. As implicações são mais profundas. E se relacionam com o sentido da formação humana.

Em primeiro lugar, sobressai um velho dilema da razão instrumental, ou seja, o de dar continuidade à primazia do lucro e dos negócios, ou enfrentar o desafio ético e moral de valorizar a vida. Em meio ao cenário da pandemia emergem fatos e posições preocupantes, entre elas a ideologia do negacionismo, que se opõe ao admirável esforço das ciências médicas e farmacológicas no empenho para produzir vacinas e medicamentos como a única alternativa para debelar o avanço do coronavírus e de suas inúmeras e surpreendentes variantes que se disseminam, contaminam e seguem colocando a vida em risco em

ritmo imprevisível. Simultaneamente assiste-se ao contexto desolador do enorme contingente das famílias vitimadas ao lado da primazia dos que sobrelevam a importância do crescimento econômico e de todos os sonhos de felicidade que ele engendra e comercializa, embora se limitem aos segmentos mais privilegiados.

Na centralidade deste panorama encontra-se a proposta da Unesco para imaginarmos os futuros da educação e de como o “aprender à devenir” poderá converter-se em reflexão permanente de todos os educadores que, juntos, certamente poderão construir caminhos que conduzam a uma pedagogia emancipadora como queria Paulo Freire, lembrando uma das principais contribuições desse pensador, no centenário de seu nascimento. O retorno às aulas começa a se defrontar com muitas perguntas. Não haverá retorno pré-pandemia. A crise do vírus aponta para um novo paradigma. Para um novo caminho a ser trilhado.

Assim sendo, o Dossier sobre Os Futuros da Educação: aprendendo a solidarizar-se, na esteira dos debates e discussões que se operam a propósito das implicações sociais, econômicas e culturais da crise sanitária, foi pensado e concebido para reunir contributos oriundos de educadores e intelectuais de diferentes partes do mundo, diferentes centros de investigação e diferentes tendências teóricas, mas com força para instigar dúvidas e, talvez, sugerir algumas respostas a muitos dos dilemas que estão à vista. Dilemas e desafios que já eram muitos ante da crise viral, mas que se ampliaram e multiplicaram, agravando e aprofundando as desigualdades derivadas de modelos de desenvolvimento que sempre colocaram a ética posta em segundo plano.

As várias reflexões do presente *Dossier* abrangem temas relevantes para os futuros da educação, em todos os seus níveis e modalidades, entre eles, a essencialidade do Estado para o «direito social de cidadania», a relevância da educação no antropoceno para viabilizar a educação inclusiva prevista nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o avanço da neurociência e suas implicações no futuro da formação docente, a subalternização das humanidades, a retomada do ideal formativo da Paideia, a importância do contexto e do trabalhar juntos para o enfrentamento e rearranjo das políticas educativas durante e pós-pandemia, o novo papel das universidades para não ceder ao reducionismo utilitário, a necessidade de políticas de resistência e de decolonização e a criação de espaços para ouvir *muchas otras voces y propuestas alternativas*.

O trabalhar juntos, como sempre ressaltou o educador e pensador António Nóvoa, sobressai como uma das melhores estratégias de enfrentamento, sem todavia perder de vista a advertência de Maurice Tardif de que o futuro da educação depende do futuro das sociedades. Contudo, o futuro das sociedades poderá ter nas escolas uma instância formadora de mentes capazes de influenciar mudanças em direção a cenários mais humanos da vida em sociedade.

Célio da Cunha